

## **Redes de solidariedade: como as interações no ambiente digital impulsionaram as mobilizações voluntárias durante as enchentes no Rio Grande do Sul<sup>1</sup>**

Ana Carolina Santos VOLKMANN<sup>2</sup>

Luana Montemuro PAZUTTI<sup>3</sup>

### **RESUMO**

O presente ensaio crítico propõe a análise do papel das plataformas de redes sociais digitais e do ciberjornalismo como propulsores para a solidariedade durante a maior enchente da história do Rio Grande do Sul, em maio de 2024. As mobilizações nativas do ciberespaço promoveram tanto a arrecadação de donativos quanto o recrutamento de mão de obra voluntária para os mais variados setores. Essas iniciativas, por sua vez, reuniram colaboradores de diferentes partes do estado, do país e do mundo em uma corrente de ações humanitárias com resultados tangíveis no que se refere à preservação da vida e reestruturação das áreas afetadas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Redes Sociais Digitais; Ciberacontecimento; Ciberjornalismo; Mobilizações Voluntárias; Solidariedade.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Painel Temático Estratégias comunicacionais em eventos climáticos extremos do XVII Simpósio Nacional da ABCiber – Associação Brasileira de Pesquisadores em Ciberultura. Realização UDESC, nos dias 4 a 6 de dezembro de 2024.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação do 4º semestre do Curso de Jornalismo da UFRGS, email: [anavolkufgrs@gmail.com](mailto:anavolkufgrs@gmail.com)

<sup>3</sup> Estudante de Graduação do 4º semestre do Curso de Jornalismo da UFRGS, email: [Impazutti@gmail.com](mailto:Impazutti@gmail.com)

## INTRODUÇÃO

O advento do século XXI atribui à conectividade um papel fundamental no cotidiano, inserindo-a nos mais variados âmbitos da esfera pública. Em um contexto de crise isso não é diferente e sua importância se torna ainda mais notável. No dia 27 de abril de 2024, o Rio Grande do Sul enfrentou os primeiros indícios da maior tragédia climática de sua história: fortes chuvas provocaram inundações em cidades de todo o estado.

Os municípios do Vale do Rio Pardo foram os primeiros atingidos por fortes chuvas e granizo. Nesse episódio, 15 cidades registraram prejuízos materiais, sendo Santa Cruz do Sul a mais afetada. Contudo, a tragédia ganhou uma maior magnitude dois dias depois, quando o Instituto Nacional de Meteorologia (INMET) emitiu um alerta de precipitação intensa na metade do estado.

As primeiras oito mortes causadas pelas inundações ocorreram no dia 30 de abril, quando diversas estradas gaúchas precisaram ser bloqueadas. Em seguida, a Coordenadoria de Proteção e Defesa Civil do Rio Grande do Sul orientou os moradores do Vale do Taquari a evacuarem as áreas de risco. O alerta antecedeu a maior cheia da história do Rio Taquari, que ultrapassou 30 metros de altura. Já no segundo dia de maio, a barragem 14 de Julho, localizada entre Cotiporã e Bento Gonçalves foi parcialmente rompida.

Os efeitos da catástrofe se intensificaram em Porto Alegre no dia 3 de maio, quando foram contabilizadas 39 mortes no estado. O nível do Rio Guaíba ultrapassou a cota de inundação de 3 metros, atingindo 4,77 metros ao anoitecer. Com isso, superou-se a elevação no nível da água registrada na enchente de 1941, que, até então, era a maior referência de tragédia climática da cidade.

As águas atingiram a Orla, o Mercado Público, o Centro Histórico, os centros de treinamento do Internacional e do Grêmio, a Rodoviária e inúmeros outros pontos. O Aeroporto Salgado Filho foi interditado e, conseqüentemente, diversos voos foram cancelados. Nessa data, além da já parcialmente destruída barragem 14 de Julho, havia pelo menos outras quatro com risco de rompimento.

No sábado, dia 4 de maio, o Rio Grande do Sul amanheceu com nítidas marcas da mais intensa catástrofe ambiental já registrada em seu território. O Departamento Municipal de Água e Esgoto (DMAE) efetuou o desligamento de quatro das seis estações de tratamento de água da capital: das Ilhas, do Moinhos de Vento, do São João e da Tristeza. Nesse cenário, o prefeito de

Porto Alegre, Sebastião Melo, fez um apelo em prol do racionamento da água por parte da população. Até o momento, haviam 57 mortes confirmadas.

O nível do Rio Guaíba continuava subindo quando o principal acesso à capital gaúcha precisou ser bloqueado e cidades da Região Metropolitana - como Eldorado do Sul, Canoas e Guaíba - foram inundadas. Na segunda-feira seguinte, os moradores dos bairros Cidade Baixa e Menino Deus precisaram evacuar a região às pressas quando um novo alerta apontou tardiamente o alagamento da região. Poucos dias depois, a tragédia chegou à porção sul do estado, afetando os municípios de São José do Norte, São Lourenço do Sul, Pelotas e Rio Grande.

Foi apenas no dia 16 de maio, após a redução do nível de água no Vale do Taquari, que a água começou a baixar em Porto Alegre, revelando um rastro de destruição. Casas e estabelecimentos tomados pela lama, animais mortos e esgotos expostos foram apenas algumas das trágicas marcas das enchentes de 2024. Ao redor do estado, as perdas materiais resultaram, no seu apogeu, em cerca de 81,2 mil pessoas e mais de 11 mil animais instalados em espaços comunitários.

O presente ensaio crítico, portanto, propõe a análise do jornalismo e das plataformas de redes sociais digitais como propulsoras para a solidariedade em uma esfera pública convergente. Além disso, o artigo também versa acerca dos desafios para a preservação da veracidade dos discursos jornalísticos em um contexto de desastre, onde a multiplicação de informações falsas é crescente. Isto é, como a ampliação do ciberespaço favorece a consolidação de mobilizações solidárias sem comprometer a credibilidade noticiosa? Assim, esse trabalho busca compreender de que forma as redes sociais digitais mobilizaram o voluntariado durante a enchente de maio no Rio Grande do Sul em 2024.

Para essa pesquisa, analisamos, em um primeiro momento, iniciativas de voluntariado nativas do ciberespaço que mobilizaram ações sociais, como a Maior Faxina da História, e como ela repercutiu na mídia regional, utilizando de exemplo os programas RBS Notícias e Bom Dia Rio Grande, ambos da RBS TV. Num segundo momento, focamos na desinformação que circulava nas redes e como ela afetou as redes de solidariedade.

A partir desse recorte, temos como objetivo entender o impacto que as redes sociais digitais tiveram na mobilização de redes de solidariedade, entendendo elas como um ciberacontecimento (Henn, 2015) e como o jornalismo reagiu frente a essas mobilizações voluntárias oriundas do ciberespaço.

## REDES DIGITAIS

A construção do sentido de rede surgiu com o aparecimento da Internet. A nova tecnologia, desenvolvida para fins militares, ganhou uma nova função: o compartilhamento de conteúdo. Na década de 1990, sites começaram a surgir com o objetivo de disseminar informações para um maior número de pessoas, contribuindo para a definição do caráter cultural que a Internet adquiriu. Foi com esse advento que a teoria de McLuhan (1962), denominada de *aldeia global*, passou a fazer mais sentido, quebrando barreiras geográficas, culturais, sociais e até mesmo temporais.

Gradualmente, a Internet foi se transformando em um dos principais meios para a difusão de informações, e um importante ator nesse processo foram as redes sociais digitais, que possibilitaram uma nova forma de organização social, retroalimentada pela participação e a interação entre as pessoas. As redes sociais têm o alcance que têm por estarem situadas no ciberespaço, de forma que “as redes consistem não apenas em pessoas e grupos sociais, mas também em artefatos, dispositivos e entidades” (Santaella; Lemos, 2010). Ou seja, as redes consistem na inter-relação entre sistemas e pessoas.

Criadas com o objetivo inicial de estabelecer relacionamentos, ou mesmo levar para o virtual relacionamentos já estabelecidos na vida “real”, as redes sociais digitais potencializam as conexões entre os indivíduos. O espaço digital amplia as possibilidades de comunicação, de forma que é viável a criação de redes complexas, nas quais as informações se propagam para além do raio de ação direta. Rheingold (1996) analisa o papel das redes sociais digitais e afirma que elas se tornaram um ambiente onde se pode alcançar objetivos definidos pela coletividade. Dessa forma, elas contribuem para a mobilização dos saberes e a articulação dos pensamentos que compõem esse coletivo.

Características como assincronicidade e visibilidade são os pilares que diferenciam as redes sociais digitais de qualquer outro meio, uma vez que garantem a permanência de todos os conteúdos na rede e seu amplo alcance, tornando o conteúdo público. Esses aspectos, além de facilitar a comunicação, potencializam a disseminação de informações, fazendo com que as redes sociais digitais passem a assumir o papel de um ambiente de metabolização de novos movimentos de ocupação global, com novas estratégias de articulação, mobilização e intervenção no espaço público (Oliveira, 2016).

As redes sociais digitais, portanto, acabam atuando de maneira fundamental para a

facilidade de mobilização, comunicação, coordenação e ampliação do alcance das iniciativas voluntárias. É através desse cenário que é possível perceber seu papel crucial na rede de voluntariado que surgiu nas enchentes do Rio Grande do Sul em maio de 2024, sendo usada como uma ferramenta de transformação, principalmente no que diz respeito à mobilização e coordenação de ajuda voluntária.

## O BOOM DAS MOBILIZAÇÕES VOLUNTÁRIAS

A reparação dos danos causados pelas enchentes exigiu uma mobilização coletiva, que envolveu autoridades e voluntários na realização das mais variadas tarefas, desde triagem de doativos até resgates. Muitos dos mais potentes esforços comunitários, por sua vez, surgiram na forma de um ciberacontecimento. Isto é, foram produzidos e difundidos a partir de plataformas e ferramentas digitais e online (Henn, 2014).

No dia 4 de maio, durante um dos momentos mais drásticos da tragédia, a prefeitura de Porto Alegre lançou um formulário online para cadastramento de voluntários interessados em auxiliar no atendimento das, até então, 2,6 mil vítimas das enchentes. Qualquer pessoa

Figura 1 - Exemplos de stories do Instagram



As demandas eram compartilhadas no stories oficiais dos abrigos ou pontos de coleta e, frequentemente, republicadas por contas não-oficiais. Imagens: *Instagram (@ajudapoa.24h)*.

acima dos 18 anos pôde se inscrever, independentemente de sua qualificação acadêmica ou profissional. A iniciativa contou com mais de 17 mil candidatos, contudo, nem todos foram convocados e muitos dos que foram não retornaram o pedido da prefeitura, que também criou um grupo de voluntários exclusivamente composto por servidores municipais. O cadastramento foi reaberto no dia 16 de maio, quando havia cerca de 15 mil pessoas em abrigos. A Coordenadoria

Estadual de Proteção e Defesa Civil do Rio Grande do Sul também realizou o cadastramento por meio de um formulário online.

Paralelamente, foram criados inúmeros grupos oficiais e não-oficiais de *WhatsApp* com o objetivo de trazer atualizações acerca das demandas de voluntários e donativos. Muitas dessas demandas também circularam por meio dos *stories* do *Instagram*. O alcance foi tanto que, nos primeiros dias da catástrofe, muitos abrigos e pontos de coleta da capital - como o Sindicato Médico do Rio Grande do Sul (SIMERS), a Associação Médica do Rio Grande do Sul (AMRIGS), a Pontifícia Universidade Católica (PUCRS), a Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança (ESEFID) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), o Centro Universitário Metodista IPA, o CTG 35, o Grêmio Náutico União e o Serviço Social do Comércio do Rio Grande do Sul (SESC-rs) - precisaram recusar voluntários.

Houveram iniciativas nativas do ciberespaço que serviram para reunir as informações divulgadas pelos centros de ajuda humanitária. Entre elas estão a plataforma *Ajuda-RS*<sup>4</sup> e o projeto *Maior Faxina da História*<sup>5</sup>. Enquanto o primeiro consistia em um site criado pelo estudante de Engenharia de Computação da UFRGS, Victor Arnt, que reunia mapas de abrigos e áreas de risco, contatos para resgate, listas de pessoas resgatadas, locais de coleta de doações e itens necessários, pontos de ajuda médica e onde se inscrever para voluntariado, o segundo foi um mutirão que mobilizou 1.500 voluntários, entre civis e militares do Exército e da Marinha, na limpeza de mais de 100 residências.

---

<sup>4</sup> [Site unifica informações sobre ajuda com as enchentes da região metropolitana - Jornal da Universidade](#)

<sup>5</sup> [Mutirão “A Maior Faxina da História do Rio Grande do Sul” atua na limpeza de Porto Alegre - Correio do Povo](#)

Figura 2 - SOS Rio Grande do Sul no Jornal do Comércio



O projeto SOS Rio Grande do Sul foi pauta em alguns dos principais jornais da capital gaúcha. Imagem: Jornal do Comércio.

A campanha da *Maior Faxina da História*, que contou com o apoio de ONGs, do Instituto Vakinha, do Ypê e do Grêmio Football-Ball Porto Alegrense, mobilizou voluntários e organizações para ajudar na doação de produtos, na limpeza e na recuperação de casas atingidas pela enchente nos bairros Humaitá e Vila Farrapos, dois dos mais atingidos em Porto Alegre.

Sendo uma iniciativa nativa do ciberespaço, ela teve um forte impacto no telejornalismo, com ampla cobertura. A RBS, afiliada da Rede Globo no Rio Grande do Sul, noticiou, no RBS Notícias<sup>6</sup>, os preparativos da ação. A matéria destaca os impactos que a campanha já alcançou, com 1.500 voluntários inscritos, além da doação de 13 toneladas de produtos de limpeza. Também ressalta a mobilização no mapeamento das casas que serão atendidas na ação, focando nos preparativos do mutirão.

A cobertura da RBS também mostrou os desdobramentos da ação no Bom Dia Rio Grande<sup>7</sup>. A matéria realçou o trabalho dos voluntários nas limpezas das casas e reforçou o papel das redes digitais como criadoras e propulsoras da ação, destacando o papel intrínseco desse meio em criar redes de solidariedade. Observa-se que a narrativa construída nessas matérias enfatiza o esforço comunitário e o envolvimento de grandes organizações em ações oriundas do ciberespaço, e a

<sup>6</sup> Preparativos para a "Maior Faxina da História" em Porto Alegre - RBS Notícias

<sup>7</sup> Maior faxina da história reúne mil voluntários em Porto Alegre - Bom Dia Rio Grande

presença dessas campanhas nos telejornais apenas reforça esse ponto. Esse tipo de cobertura não apenas informa, mas estimula a participação popular e fortalece o papel da mídia em também ser um agente de mobilização social.

## O DECLÍNIO

Se, por um lado, a popularização e a simplificação do acesso às tecnologias possibilitaram a ampliação das redes de solidariedade, por outro, esses fenômenos favoreceram a circulação massiva de notícias falsas, as chamadas *fake news*. Isto é, ao mesmo tempo em que o ciberespaço foi fundamental para a consolidação de ações coletivas de voluntariado, ele se tornou palco para crises geradas a partir da desinformação.

É inegável que muitos rumores são criados justamente para causar desconfiança e durante as enchentes não foi diferente. Foram divulgadas diversas notícias sugerindo que o Governo Estadual do Rio Grande do Sul estaria dificultando doações para as vítimas. Uma das mais significativas foi a *fake news* propagada por Pablo Marçal<sup>8</sup>, em que o influencer e ex-coach afirmou, em vídeo divulgado nas redes sociais, que a Secretaria da Fazenda do Estado do Rio Grande do Sul estava barrando os caminhões de doação vindos de outros estados e exigindo nota fiscal. No mesmo vídeo, Marçal também cita que não estavam permitindo “entrar de barco” pessoas sem habilitação e estavam proibindo a distribuição de marmitas. Desmentir alegações como essas é uma tarefa árdua mas necessária, pois elas interferem na integridade das redes de voluntariado. Afinal, com a influência das *fake news*, os internautas se tornam menos suscetíveis ao engajamento em ações coletivas.

O acesso a informações verídicas e verificadas é, portanto, fundamental para a tomada de decisões, tanto por parte do poder público quanto pela sociedade civil. Foi pensando nisso, que o governo estadual, por meio do Gabinete de Crise de Comunicação, criou o Núcleo de Combate à Desinformação, uma força-tarefa voltada à checagem e apuração das informações disseminadas no meio cibernético. Mas, para o jornalismo, essa é uma tarefa que depende de ferramentas do próprio ciberespaço que, usadas em conjunto, podem colaborar com o combate à desinformação.

---

<sup>8</sup> Pablo Marçal diz que a Secretaria da Fazenda do Estado do RS está barrando os caminhões de doação

## O PAPEL DO JORNALISMO

Diante desse cenário de desinformação, o jornalismo incorpora algumas das características inerentes ao ambiente digital para fortalecer sua capacidade de enfrentamento e garantir a disseminação de informações confiáveis. Antigamente, o jornalismo tinha um papel estabelecido como *gatekeeper*, ou seja, fazia a seleção do que seria ou não veiculado. Com as redes digitais, qualquer usuário pode produzir e compartilhar informações sem a intermediação da mídia tradicional. Se por um lado possibilita uma maior democratização de acesso à informação, também contribui para que desinformações circulem livremente, como foi o caso durante a enchente.

De forma a conferir legitimidade, foi criado o serviço de checagem *#Fato ou #Fake*<sup>9</sup>, de G1, CBN, Extra, TV Globo, Globo News, O Globo e Valor Econômico. O serviço consistia em averiguar a veracidade das informações que estavam circulando pela *web*, e a estratégia usada para maximizar o alcance e impactar diferentes públicos foi a multimídia, uma vez que esse conteúdo era transmitido na TV, no rádio, nos sites e em redes sociais, tanto em vídeo como também em texto. Da mesma forma, uma iniciativa semelhante foi adotada pela RBS TV. *É verdade ou é mentira*<sup>10</sup> ia ao ar durante as transmissões e no intervalo de programas, além de ser um conteúdo de que também era pensado para a internet, de forma a atingir a maior quantidade de segmentos da população.

A partir do momento em que um acontecimento afeta as pessoas, ele não apenas é vivido no campo da experiência, mas também instaura um campo problemático. Em paralelo, é justamente o nível de afetação que mobiliza a transformação do acontecimento em notícia (Henn, 2012). Isto é, a repercussão de um acontecimento jornalístico e a maneira como ele permeia a sociedade se retroalimentam.

Durante as enchentes de maio de 2024, essa relação se tornou ainda mais evidente. As mídias digitais impulsionaram a construção coletiva de sentidos, agindo sobre o jornalismo e conferindo novas facetas às problemáticas e ações sociais. Neste ínterim, as redes solidárias se transformaram em verdadeiros ciberacontecimentos, pautados nas seis categorias estabelecidas pelo teórico Ronaldo Henn: *mobilizações globais, protestos virtuais, exercícios de cidadania,*

---

<sup>9</sup> [Veja o que é #FATO ou #FAKE sobre a tragédia no Rio Grande do Sul - G1](#)

<sup>10</sup> [A Giulia Perachi vai nos contar o que é verdade e o que é mentira sobre a enchente no RS - RBS TV](#)

*afirmações culturais, entretenimentos e subjetividades.*

Partindo desse pressuposto, as manifestações de solidariedade suscitadas digitalmente, assim como as suas implicações no campo jornalístico, se enquadram especialmente em *exercícios de cidadania*. Essa categoria considera que as concepções de direitos e deveres são condicionadas pelo senso de pertencimento comunitário, que se torna pungente nesses episódios. Uma característica desse ciberacontecimento permeado por enviesamentos é que uma ação individual exemplar, nos termos convencionados pela mídia brasileira, suplanta demandas essencialmente coletivas (Henn, 2015). Neste sentido, embora as concepções de cidadania possam variar, a publicização das ações solidárias motiva as pessoas a agirem.

No contexto da tragédia climática, outra categoria marcante é a das *subjetividades*. Se antes as dores, perdas e lutas das comunidades afetadas pelas enchentes seriam vividas individualmente, com a potencialização do ciberespaço, essas vivências se tornaram públicas. O jornalismo pôde, portanto, acessar o universo particular da intimidade e dedicar um olhar sensível à produção noticiosa, que fortalece as mobilizações solidárias.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das inundações que assolaram o Rio Grande do Sul em maio de 2024, as redes sociais digitais atuaram como um pilar crucial para mobilização e coordenação de ações de voluntariado. Essas redes não apenas disseminaram de forma rápida as informações de necessidades urgentes como também promoveram uma rede de solidariedade que transcendeu barreiras físicas. A rede de voluntariado criada nas enchentes, analisada sob uma ótica de ciberacontecimento, nos permite explorar as ferramentas do meio virtual, não apenas no suporte, mas na potencialização de movimentos de rede – que já tinham espaço fora do meio virtual – como catalisadores de uma nova forma de engajamento social.

## REFERÊNCIAS

CANAVILHAS, J. (org.). **Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença**. Covilhã: LabComLivros, 2014.

Correio do Povo. **Prefeitura de Porto Alegre abre formulário para cadastro de voluntários para atender vítimas das enchentes.** Disponível em: <https://www.correiodopovo.com.br/not%C3%ADcias/cidades/prefeitura-de-porto-alegre-abreformul%C3%A1rio-para-cadastro-de-volunt%C3%A1rios-para-atender-v%C3%ADtimas-dasenchentes-1.1491195>. Acesso em 20 de julho de 2024.

G1 RS. **Um mês de enchentes no RS: veja cronologia do desastre que atingiu 471 cidades, matou mais de 170 pessoas e expulsou 600 mil de casa.** Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2024/05/29/um-mes-de-enchentes-no-rs-veja-cronologia-do-desastre.ghtml#3>. Acesso em 20 de julho de 2024.

HENN, R. Seis categorias para o ciberacontecimento. In: NAKAGAWA, R. M.; SILVA, A. R. (Org.). **Semiótica da Comunicação II.** São Paulo: INTERCOM, 2015. v. 2, p. 208-227.

MAIA, P. Mutirão “A Maior Faxina da História do Rio Grande do Sul” atua na limpeza de Porto Alegre. Correio do Povo, Porto Alegre, 23 de junho de 2024.

MAIOR FAXINA DA HISTÓRIA REÚNE MIL VOLUNTÁRIOS EM PORTO ALEGRE. Bom Dia Rio Grande, Porto Alegre: RBS TV.

MIELNICZUK, L. **Jornalismo na web: uma contribuição para o estudo do formato da notícia na escrita hipertextual.** 2003. 246f. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura) - Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, 2003.

LIBERDADE, SPACE. Pablo Marçal diz que a Secretária da Fazenda do Estado do RS está barrando os caminhões de doação vindos de outros estados, exigindo nota fiscal!. 5 de maio de 2024. X: @NewsLiberdade. Disponível em: [https://x.com/NewsLiberdade/status/1787236601287840043?t=nRLICV2wEWQ8JTspIB9\\_kg&s=19](https://x.com/NewsLiberdade/status/1787236601287840043?t=nRLICV2wEWQ8JTspIB9_kg&s=19). Acesso em: 16 de outubro de 2024.

PREPARATIVOS PARA A "MAIOR FAXINA DA HISTÓRIA" EM PORTO ALEGRE. RBS Notícias, Porto Alegre: RBS TV.

TAVARES, W.; PAULA, A. P. P. de. Movimentos Sociais em Redes Sociais Virtuais: Possibilidades de Organização de Ações Coletivas no Ciberespaço. **Revista Interdisciplinar de Gestão Social**, v. 4, n. 1, 2014. DOI: 10.9771/23172428rigs.v4i1.9822. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/rigs/article/view/9822>. Acesso em: 21 julho 2024.

TV, RBS. A Giulia Perachi vai nos contar o que é verdade e o que é mentira sobre a enchente no RS. Porto Alegre, 4 de maio de 2024. Facebook: RBS TV. Disponível em: <https://www.facebook.com/rbstv/videos/747125830957489/>. Acesso em: 16 de outubro de 2024.